

ENTRE A LEMBRANÇA E A ESPERANÇA: POLÍTICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS BRASILEIROS¹

Maria Auxiliadora Schmidt²

RESUMO

Segundo Rüsen (2010), a partir da vida prática são tomadas decisões permeadas por valores e a consciência histórica é o ponto de partida para mediar as relações entre os valores e a realidade no fluxo do tempo. Nesse sentido, ela realiza um caminho específico a partir das situações presentes na vida prática, porque é ela quem une passado e presente, dando perspectivas de futuro para agir na realidade, constituindo valores morais em um "corpo temporal". Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa que foi feita a partir dos pressupostos de Eisner (1998) com 61 estudantes brasileiros (de 13 a 16 anos) de baixa e média classe social, de uma escola pública de Curitiba, Paraná. Eles produziram uma narrativa a partir da seguinte questão – "Escreva a uma pessoa como você acerca de sua reflexão sobre: O altruísmo, o pensamento não efêmero e a diferença ainda têm lugar no mundo contemporâneo"? Os resultados demonstraram a existência de diferentes maneiras pelas quais os jovens relacionam o passado e o presente, bem como suas perspectivas de futuro.

Palavras-chave: Consciência Histórica. Educação Histórica. Didática da História.

Uma das questões relevantes que demandam discussões sobre o ensino de história no Brasil é o sempre discutido desinteresse de crianças e adolescentes pelo conhecimento histórico escolar, bem como às demandas provenientes de insucessos escolares no que diz respeito às aprendizagens históricas significativas para a construção da consciência histórica. Tal fato assume proporções preocupantes num contexto de formação de contra-consciência para além do capital (MÈSZÁROS, 2007). Essa perspectiva, segundo Mészáros (2007, p. 108), põe em questão o significado da aprendizagem

1 Resultados parciais da pesquisa "Aprender a ler, aprender a escrever em História no Ensino Médio", financiada pelo Cnpq.

2 Professora e pesquisadora do Depto. de Teoria e Prática de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná; Pesquisadora Cnpq 1C; Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica do PPGE-UFPRLAPEDUH (www.lapeduh.ufpr.br); dolinha08@uol.com.br

de modo geral, particularmente no que se refere ao seu sentido e significados para os sujeitos, a partir de uma pergunta crucial: “Será que a aprendizagem conduz à auto-realização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente, ou ela está a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital?”.

Este autor afirma, ainda, que “os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados, e uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança” (MÉSZAROS, 2007, p. 196). Trata-se de uma relação dialética produzida no interior de uma sociedade em que o trabalho imaterial tornou-se predominante e em que a chamada economia do conhecimento responde, em grande parte, pela ampliação da riqueza. Nessa perspectiva, e considerando ser a História um conhecimento de natureza axiológico, uma nova demanda cognitiva se impõe, relacionada com uma aprendizagem “comprometida com a sociabilidade humana, com a preparação para o conhecimento, além do mero adestramento ao exercício do trabalho material” (POCHMANN, 2008. p. 4). É nesse contexto que procurou-se investigar a relação passado, presente e futuro apresentado em narrativas de 84 jovens brasileiros na idade entre 13 e 16 anos, com a finalidade de se detectar como elementos éticos, oriundos de sua situação na vida prática humana, mobilizam a sua consciência histórica, ou seja, sua capacidade de orientação no fluxo do tempo, presente, passado e futuro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em sua matriz disciplinar da História, Jörn Rüsen (2001) propõe a relação entre o que chama de patamar da “vida humana prática” e o patamar do conhecimento científico da História. No patamar da vida humana prática é que ocorrem as carências de orientação temporal e, na perspectiva da teoria da consciência histórica desse autor, o ponto de partida da ciência da História são as carências que produzem os interesses que os homens têm de modo a poder viver, de orientar-se no fluxo do tempo, de assenhorar-se do passado, pelo conhecimento, no presente. Isto porque, conforme esse autor,

"as carências de orientação no tempo são transformadas em interesses precisos no conhecimento histórico, na medida em que são interpretadas como necessidade de uma reflexão sobre o passado. Essa reflexão específica reveste o passado do caráter de 'história'" (RÜSEN, 2001. p. 31).

Ora, se as carências oriundas da vida prática são o ponto de partida da ciência da História, devem ser também assumidas também como o ponto de partida e de chegada do ensino e aprendizagem da História. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que precisamos aprender História porque a vida humana prática nos impõe determinados interesses relacionados às nossas necessidades de orientação no fluxo do tempo (passado, presente, futuro) e da necessidade de nos apoderarmos do passado, a partir do presente, por meio do conhecimento histórico.

A necessidade de orientação no fluxo do tempo exige uma aprendizagem articulada à compreensão histórica, que somente ocorre quando entendemos os sentidos da mudança temporal que precisam, a partir de processos de aprendizagem da História, ser expandidos quantitativamente e qualitativamente

Quantitativamente, ela aumenta quando a diferença entre o passado e o presente é acentuadamente contornada e a extensão da diferença cresce quanto maior for o espaço de tempo do passado, ou seja, quando se experimentam qualidades temporais diferenciadas do presente; qualitativamente ela aumenta quando dentro da qualidade de diferença temporal do passado são percebidas diferenças temporais próprias, cada época experimenta o seu próprio perfil. (RÜSEN, 2012, p. 87)

No entanto, segundo Rüsen, a aprendizagem histórica necessita ser construída tendo como referência a inserção do sujeito no presente, a partir de indagações históricas que possibilitem a significação desse mesmo presente, por meio do passado. Essa compreensão pressupõe, ainda, que o sujeito aprenda a estruturar a ideia de tempo cognitivamente, não somente do ponto de vista individual, mas, principalmente, relacionada à ideia de humanidade, pois a aprender história é aprender "temporalizar a humanidade" (RÜSEN, 2013, p. 11).

Na perspectiva ruseniana, a aprendizagem histórica só ocorre quando conseguimos processar a experiência da mudança temporal do mundo humano, produzindo o sentido histórico. Para que aconteça a aprendizagem histórica da produção de sentido histórico a partir do processamento da experiência temporal, alguns desafios devem ser assumidos, porque o processo de passar por essa experiência inclui várias dimensões. A primeira dimensão é a *interpretação auto reflexiva*, ou seja, o que se aprende tem que fazer um sentido para o aprendiz. A segunda é a *orientação*, isto é, o processo da mudança temporal precisa ser articulado às perspectivas da alteridade, isto é, "ao meu tempo, ao tempo do outro e ao tempo do outro que me inclui. A terceira é a *intencionalidade* e, nesse caso, a questão principal seria – "como eu me coloco nesta situação de mudança temporal?". E, finalmente, deve ser articulado à dimensão da *ação* ou à motivação para o agir, em que o sujeito aprendiz necessita aprender a situar e inserir os seus objetivos e ações da vida prática, tanto individuais, como coletivos, no fluxo do tempo. (RÜSEN, 2013, p. 19).

As forças motrizes desses desafios indicam questões fundamentais para subsidiar os objetivos da aprendizagem histórica, tais como: 1. o desafio da experiência histórica – o que eu percebi?; 2. o desafio de compreender o passado alheio – o que isso significa?; 3. o desafio da orientação da dimensão temporal de sua própria vida – onde é o meu lugar no tempo?; 4. e o desafio de escolher suas próprias motivações – o que eu posso fazer no futuro? Entre os resultados de uma aprendizagem pautada nesses pressupostos estariam, segundo Rösen (2013), a expansão quantitativa e qualitativa da capacidade de interpretar uma experiência histórica vivida, o aumento da competência de usar a experiência histórica vivida (conhecimento histórico) para temporalizar o seu próprio mundo e sua identidade, de conformar as aspirações individuais a partir de uma ideia empiricamente plausível de mudança temporal do curso da humanidade no tempo e de motivar os outros a realizarem suas próprias experiências de acordo com a ideia do lugar de cada um e do seu lugar no processo de mudança no tempo. (RÜSEN, 2013).

Essas perspectivas indicam o modo como se articula a relação entre o ensino de História e a formação da consciência histórica, entendida a formação como um processo de aprendizagem em que o sujeito, a partir das suas experiências no presente, articula

a relação com determinadas experiências do passado, as quais contribuirão para o seu agir no presente e a sua prospecção em relação ao futuro.

De um lado, trata-se de um processo de mão dupla, que demanda uma situação de compromisso ético com o presente, a partir da qual se articula, de forma significativa, a relação com o passado. Assim, o presente pode ser considerado como um "lugar social", a partir do qual são construídas as experiências de orientação, interpretação e intencionalidade e ação, articuladoras das relações entre o passado, o presente e o futuro. O "lugar social" é o contexto atual, a partir do qual o passado é indagado, questionado, problematizado, e um dos seus significados principais é prover as condições e possibilidades do sentimento de pertencimento, ou seja, do aprendiz construir sentidos relacionados "a isso concerne a mim (a nós) e a noção de 'concerne a', é uma categoria relevante para o ensino de História". (MARTINS, 2008, p. 16). A perspectiva do "concerne a" indicada por Martins, reforça o princípio da aprendizagem centrada na teoria da consciência histórica, de que uma metodologia de ensino de História deve incluir a investigação das carências de orientação temporal dos alunos como ponto de partida para a relação com o conhecimento histórico. Um dos caminhos desse processo de investigação é analisar as narrativas produzidas pelos estudantes, que podem revelar maneiras plausíveis pelas quais sua consciência histórica expressa a articulação presente, passado e futuro.

De outro lado, a partir de uma das condições aludidas por Rüsen (2001) isso diz respeito ao fato de que, a narrativa como constitutiva da consciência histórica a partir da vida prática, recorre às lembranças para interpretar as experiências do tempo. Neste sentido, "o passado seria como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido". (RÜSEN, 2001, p. 63)

Mas não é somente pela lembrança que se recupera o passado. Seja qual for o modo em que a *consciência histórica* penetra no passado, como no itinerário dos arquivos da memória, o impulso para esse retorno é sempre dado pelas experiências do tempo presente e da nossa vida prática. Ou seja, a *consciência histórica*

é o local em que o passado é levado a falar e este só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação na vida prática atual, diante das suas experiências no tempo. Trata-se de uma lembrança interpretativa que faz presente o passado, no aqui e agora.

Outra condição enunciada por Rüsen (2001, p. 64) é a “representação de continuidade”, que o autor define como a íntima interdependência entre passado, presente e futuro e que serve à orientação da vida humana prática atual. Ou seja, “a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o presente aparece como uma continuação no futuro” Os critérios determinantes das representações de continuidade formam a terceira condição da narrativa como operação intelectual decisiva para a constituição da consciência histórica. O elemento unificador no processo da relação presente, passado, futuro, mediante a narrativa é a resistência do ser humano à perda de si e de seu esforço de autoafirmação, e de se constituir como identidade.

Assim, a consciência histórica constituída mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com o qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo é o pressuposto metodológico inicial para a aprendizagem histórica. Nessa direção, torna-se imprescindível investigar a consciência histórica dos alunos, para termos elementos necessários à construção de um caminho para o conhecimento histórico científico. Um instrumento importante para essa investigação são as narrativas dos alunos, obtidas a partir de uma questão do próprio presente. Essa adesão à narrativa como critério de investigação pode ser explicada porque, é mediante as narrativas históricas produzidas pelos jovens alunos, a partir de suas experiências com o passado na vida prática humana, que são formuladas representações de continuidade da evolução temporal dos homens e seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana. (RÜSEN, 2001)

O pensamento ruseniano, no que diz respeito aos fundamentos da aprendizagem fundamentada na teoria da consciência histórica, tem orientado pesquisas sobre o pensamento histórico de jovens, apreendidos, principalmente, nas e a partir de suas narrativas históricas, como é a proposta desse trabalho.

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Em 2001, como parte das tarefas propostas no plano de trabalho do meu pós-doutorado realizado em Portugal, realizei um estudo comparativo entre a consciência histórica de jovens brasileiros e portugueses. Essa investigação teve como referência os estudos realizados em Portugal por José Machado Pais (1999) e um estudo de caso feito com jovens em três escolas públicas da cidade de Curitiba-PR. Em que pese a predominância, no ensino de história das escolas investigadas, da forma de um conhecimento tópico, baseado na centralidade e autoridade do conhecimento pelo professor, uma das particularidades encontradas na análise da consciência histórica dos jovens alunos foi que, diferentemente dos jovens europeus, 75,55% dos jovens brasileiros valorizavam o conhecimento histórico como um meio de entender sua própria vida como parte da mudança histórica. Isso indicou uma dissonância entre o que e como a história era ensinada na escola e as necessidades dos alunos. (SCHMIDT, 2002, p. 199).

A partir de investigações realizadas por Isabel Barca em Portugal (2006) foi realizada uma pesquisa no Brasil, sobre a consciência histórica de 136 jovens brasileiros, na faixa etária entre 13 e 14 anos, cursando a 8ª. Série do Ensino Fundamental, com a finalidade de, a partir da análise de suas narrativas, investigar o nível de suas competências de dar significados e de se localizar no tempo. Essa investigação foi realizada em três Escolas Públicas da cidade de Araucária³, Estado do Paraná-Brasil, e teve ainda por objetivo investigar como eles lêem, escrevem e, portanto, aprendem História, compreendendo e atribuindo sentidos à história do seu país no contexto da história global.

A partir dos dados obtidos em narrativas produzidas por 63 jovens alunos de três escolas públicas da cidade de Curitiba, procurou-se analisar as relações passado/presente/futuro a partir de questões relacionadas aos acontecimentos sobre a vida política e a crise econômica no país e no mundo há cem anos e hoje em dia.

Na primeira escola, no que diz respeito à vida política, 06 alunos não apresentaram nenhuma relação presente e passado; 16 alunos manifestaram uma visão crítica na relação passado e ao presente

³ Araucária é um município localizado na região metropolitana da cidade de Curitiba, Estado do Paraná.

dimensionada na positividade do presente, mas sem apresentarem nenhuma perspectiva em relação ao futuro. Somente 02 alunos relacionaram passado/presente e futuro na dimensão da mudança. (SCHMIDT, 2011)

Dando prosseguimento às investigações com intuito de se conhecer aspectos relacionados à consciência histórica de jovens brasileiros foi realizada uma pesquisa em que se procurou modificar o instrumento de investigação, com o objetivo de verificar como os jovens constroem possibilidades de orientação temporal, relacionando presente, passado e futuro, a partir do crivo de valores que articulem sua relação com o outro do presente e do passado.

Neste sentido, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, em 61 jovens alunos que frequentavam do 6º ao 9º ano de uma escola pública localizada em um bairro afastado do centro da cidade de Curitiba-Paraná-Brasil. Essa escola tem cerca de 900 alunos e a escolha do campo de investigação e da população foi feita de forma aleatória, no conjunto de escolas públicas de Curitiba. O instrumento foi aplicado pelo professor de história da turma. A investigação foi baseada em Eisner (1998) para quem uma "indagação qualitativa" pode ser realizada com o objetivo de se melhorar a prática educativa. A partir desse autor, optou-se por realizar uma investigação focada na análise da consciência histórica prévia de jovens alunos, esperando-se obter dados que revelassem suas carências em relação ao passado, a partir de posicionamentos face determinadas situações de sua vida prática, que envolviam julgamentos de valor. Assim, foi solicitado aos jovens alunos que escrevessem uma narrativa a partir da seguinte questão problema – "O altruísmo, o pensamento não efêmero e a diferença ainda têm lugar no mundo contemporâneo?" (Estadão EDU, mai.2011). Os nomes dos jovens são fictícios.

QUADRO 1 - IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO INVESTIGADA

IDADE	PROFISSÃO DO PAI	PROFISSÃO DA MÃE
12 anos:	Vendedores: 21 - Pedreiro: 02	Vendedoras: 11 - Donas de
27	– Operários: 07 – Profissionais	professoras, secretária, cabelereira,
13 anos:	liberais (dentista, marceneiro,	costureira, bancária etc):27
20	eletricista, camioneiro: 11	
14 anos:	Prestadores de serviço (bombeiros,	
14	policiais, motoristas etc): 19	

Observa-se que os pais dos jovens alunos pertencem à chamada classe "C" que hoje, no Brasil, agrupa a maior parte da população que vive nas médias e grandes cidades do país.

Tendo como pressupostos as orientações da *Grounded Theory* (FLICK, 2004), buscou-se categorizar os dados obtidos a partir das narrativas e, posteriormente, analisá-los. As ideias da consciência prévia dos jovens alunos foram apreendidas também a partir da consideração de que as temáticas sugeridas não fazem diretamente parte dos conteúdos históricos escolarizados, mas podem ser entendidas como motivadoras de juízos de valor que podem ser realizados pelos alunos, no que se refere ao "dizer respeito a" ou "não dizer respeito a".. Ademais, foi utilizado o marcador temporal "ainda", intencionalmente sugerido para potencializar a relação presente/passado/futuro. Entre 61 instrumentos analisados, 4 não apresentaram nenhuma resposta e outros 56, tendo como referência os pressupostos teóricos do trabalho, foram analisados a partir das seguintes perspectivas:

- dizem respeito a mim ou ao outro baseadas na relação com o presente; - na relação presente e passado; - na relação presente e futuro; - na relação presente, passado e futuro.

A partir dessa categorização, obteve-se o seguinte resultado:

1 Narrativas referenciadas apenas no presente e que "dizem respeito a mim e ao outro" - 21 respostas

Nessa categoria, algumas narrativas apresentaram um matiz subjetivo mais forte que outras, sendo que a relação com a realidade mostrou-se um pouco precária, a partir da ênfase em um ou mais aspectos solicitados pela questão proposta. A ideia de efêmero apareceu quase sempre relacionada com amizade e amor, assim como a ideia de altruísmo.

[...] A palavra efêmero significa para mim um jovem que tem uma relação que se chama "Fica", dá uns beijos e vai embora e beija uma menina que nem conhece [...]. (Daniel, 13)

Pouca amizade é como não ter nenhuma. As pessoas são muito injustas e impacientes, brigam por causa

Entre a lembrança e a esperança... - *Maria Auxiliadora Schmidt*

de nada, mas não podemos julgar todas as pessoas porque nem todas tem culpa dos atos dos outros [...].
(Bruno, 13)

Uma das ideias que mais apareceu, ligada ao presente e relacionada com os interesses significativos dos alunos, foi a de diferença. Em sua maioria, falavam sobre discriminação racial, modo de vida e diferença sexual. Somente uma narrativa apresentou a ideia de diferença relacionada com classe social.

O mundo não aceita qualquer coisa. Isso é uma verdade. Várias coisas são diferentes. Os estilos de cada um são alguns exemplos. Mas a sociedade não aprova qualquer coisa. Uma prova são os homossexuais, não há espaço mais para tudo nesse mundo. Pessoas com pensamentos ou idéias diferentes não são ouvidas. As pessoas acreditam em uma só verdade, preferindo “rir” dessas outras pessoas, vindo então a rejeição. (João Lucas, 13).

As pessoas pensam que só porque elas são diferentes elas têm que discriminar os outros. Só porque a pessoa é rica não quer dizer que ela vai te discriminar e não é só porque a pessoa é pobre que ela vai discriminar os outros. Tem muitas pessoas que discriminam as outras pessoas pela cor. (Kaique, 14).

2 Narrativas que fazem relação presente e passado e que “dizem respeito a mim e ao outro”: - 14 respostas

A maioria das narrativas incluídas nessa categoria estabeleceu confrontos entre o passado e o presente na perspectiva da mudança para pior. Apenas duas narrativas apresentaram a relação presente e passado na perspectiva da continuidade e mudança.

Antigamente existiam pessoas que largavam de seus bens materiais para cuidar de outras pessoas com doenças, pobres etc [...] Hoje em dia existem poucas pessoas que largam de tudo para cuidar de outras pessoas. (Rafael, 14)

Talvez, mesmo o fato de que o mundo está mudando ainda pode existir amor e respeito. As pessoas deviam

Entre a lembrança e a esperança... - *Maria Auxiliadora Schmidt*

amar o próximo. Mas, há tantas diferenças entre as pessoas que quase acho isso um tanto difícil de acontecer. Ninguém se importa com ninguém. Antigamente as pessoas eram diferentes do que as de hoje em dia, elas ajudavam os outros, até existiam alguns que viraram santos. Isso tudo só prova o quanto o mundo está cada vez pior em relação a isso. (Jean, 14)

No mundo contemporâneo existem várias coisas que nós achamos "surreais", como: o modo da pessoa se vestir, os seus gostos. Os tempos da moda antiga comparados com os tempos do presente, por exemplo, Elvis que foi o maior vendedor de discos na história da música, e até hoje ninguém conseguiu esse record. Hoje em dia também não se vê a paz que o mundo tinha antigamente, exemplo, não é mais seguro andar em ruas e temos que ter seguranças em lojas. (Odair, 14)

Hoje em dia tem casais velhos que se conheceram antigamente e até hoje estão juntos. Hoje em dia também há casais jovens e com vários tipos de gostos, por causa da modernidade, tem gays, lésbicas, héteros, etc [...]. E não se pode ter preconceito, pois é a vida particular deles. (Karla, 12).

Em algumas narrativas incluídas nessa categoria (10) pode ser constatado que ao fazerem a relação com o passado, baseada somente na ideia de mudança, ou na relação continuidade e mudança, os jovens alunos buscam alguma informação no passado para construir a sua argumentação. Mesmo que ainda incipiente, as argumentações não estão baseadas somente no juízo de valor subjetivo. O "outro", encontrado nessas narrativas, varia desde um outro genérico, como "pessoas", " sociedade", até o outro mais específico, como homossexuais, casais idosos e jovens, jovens e até um personagem histórico como Elvis Presley.

3 Narrativas que fazem relação presente e futuro e "dizem respeito a mim e ao outro: - 13.

Apesar de serem em menor número, as narrativas que partem do presente e perspectivam o futuro, apresentam relações entre o que diz respeito a si mesmo, ao outro genérico (pessoas) e também

ao mundo, no sentido do coletivo da humanidade. A partir da relação com o presente, entendido como o mundo em que vivem, os jovens alunos indicam suas opiniões com relação ao futuro da humanidade.

Hoje em dia as pessoas não pensam mais umas nas outras tanto quanto antes. Mas ainda existe bastante disso, as pessoas devem pensar mais nos outros, para que, com isso, o mundo torne-se um lugar melhor para viver. Isso influencia nos roubos etc. Os ladrões não querem saber se essa pessoa sofreu para comprar tal coisa. Eu acho que deveríamos pensar mais nos outros e não só em nós. (Leonardo, 15).

No mundo de hoje, não se existem pessoas altruístas, que se importem com os outros mais do que consigo mesmo. Nesse mundo egoísta onde tudo gira em torno do dinheiro, será difícil existir uma pessoa altruísta. Hoje em dia tudo passa mais rápido, a tecnologia, os produtos, são sempre passageiros, um sempre entra no lugar do outro. Os amigos que parecem eternos se tornam passageiros, e também os namoros e os casamentos etc. A diferença existe sim, mas em cada pessoa porque a pessoa escolhe ser diferente com o outro, escolhe ou não ter preconceito com o próximo. Algum dia a diferença tem que acabar e as pessoas agirão normalmente uns com os outros, mesmo sendo gordo, magro, negro, branco, feio ou bonito. (Brian, 14).

Nos tempos em que vivemos o que prevalece é o egoísmo e o individualismo. Poucos são aqueles que dedicam seu tempo a algo ou alguém e isso está atrelado ao mundo contemporâneo que é cada vez mais competitivo. Com isso não são construídos relacionamentos com estruturas sólidas. Para melhorar o desenvolvimento da sociedade, é necessário pensar no coletivo e não apenas no indivíduo. Esse tipo de comportamento está cada vez mais escasso em nosso dia-a-dia. Não significa pensar apenas nas outras pessoas e dedicar-se inteiramente a isso e sim inserir ao cotidiano o altruísmo, criando melhores condições e estruturas para a sociedade e futuras gerações. (Débora, 15).

As narrativas que focam a relação presente e futuro apresentam maior articulação entre “o que diz respeito a mim e ao outro”, considerando esse outro a partir de elementos mais próximos da realidade. A referência à sociedade contemporânea nos seus aspectos de competitividade e violência, a relação do efêmero com a presença da tecnologia e a articulação relação entre o individual e o coletivo, entendendo esse coletivo como algo relacionado à sociedade, são recorrências importantes a serem destacadas nessas narrativas.

4. Narrativas que fazem relação entre presente, passado e futuro e “dizem respeito a mim e ao outro”: - 08

A relação presente, passado e futuro que os jovens alunos apresentam em suas narrativas mostram duas tendências principais. A primeira é a de que o mundo não mudou do passado até hoje em dia e tende a continuar do mesmo jeito se “as pessoas” não o salvarem. A segunda é de que o mundo mudou em parte e vai continuar mudando, e isso vai depender da ação das pessoas no presente e no futuro.

Cada vez mais o mundo se autodestrói, com atos de racismos e muitos outros. No mundo não mais existem pessoas que ajudam o próximo, que preferem largar suas vidas, muitas vezes com a qualidade de vida muito boa. Hoje em dia as pessoas estão mais preocupadas com suas vidas ou com aquelas pessoas famosas da televisão. O mundo precisa de ajuda. (Gustavo, 14).

O mundo não mudou muito. Ainda existem várias pessoas que falam mal da vida dos outros e que não se preocupam só com suas vidas. As coisas do tempo passado eram melhores, não ótimas, mas as pessoas viviam sem muita violência. O mundo para o jovem vai ser pior. Como estará quando tivermos nossos filhos e netos. Como eles irão conseguir sobreviver num mundo como o nosso? Essa é a dúvida. (Geovanna, 14).

Tem muitas pessoas que são contra os gays e as lésbicas e até batem nas pessoas porque não aceitam a diferença. Um caso atual é a da menina que apanhou de suas colegas só porque a chapinha do cabelo estava errada. Mas já teve muitas pessoas boas nesse mundo, como aquela senhora, dona Zilda Arns, que foi ajudar as

Entre a lembrança e a esperança... - *Maria Auxiliadora Schmidt*

pessoas no Haiti e aconteceu um terremoto que matou ela e mais da metade da cidade. E tem os que estão no meio termo, que dizem que vão arrumar hospitais e, quando eleitos, não fazem nada e não sabem o que fazer com o dinheiro do país. (Arnaldo, 13)

Nosso mundo mudou e continua mudando a cada segundo. Não existe como antes, o amor ao próximo, a compaixão, a preocupação com o outro. Você largaria tudo para ser solidário? Não! Não tem nem como. Isso não existe mais, cada um pensa só em si mesmo. E, com certeza, tem muita gente precisando de nós. O mundo está em nossas mãos, nós somos o futuro. Nossos pensamentos são passageiros, não duram, igual nossas opiniões. Nem sempre temos opiniões concretas, as modinhas mexem com a nossa cabeça e se não mudarmos com o mundo, seremos os caretas, ignorantes [...] Mas, lembre-se, tem muita gente precisando de nós. (Amanda, 13)

Além de construírem argumentos utilizando elementos da realidade passada e presente, como a referência a personagem da dona Zilda Arns, líder brasileira na prevenção da mortalidade infantil e que já foi indicada para o prêmio Nobel da paz, essas narrativas perspectivam o futuro, seja com certezas estabelecidas a partir da relação entre mudança ou não mudança, seja com dúvidas, como a jovem Geovanna. No entanto, de modo geral, os jovens alunos atribuem a si as possibilidades de mudança, sendo que alguns, como Amanda, incluem-se num coletivo, ainda que indeterminado.

CONSIDERAÇÕES

Observa-se que, numa perspectiva de longa duração (2001-2011), a relação de jovens brasileiros com o conhecimento histórico é matizada por uma relação passado/presente predominante marcada pela positividade em relação ao presente e ao futuro, mas não só.

Se de um lado, pode-se afirmar que essa positividade é explicada pela natureza da cultura juvenil, muitas questões e ceticismos aparecem com relação ao presente e ao futuro, provavelmente derivadas das condições nas quais esses jovens de escolas públicas, oriundos de segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira,

vivem a sua cultura juvenil. Se, para Rösen (2010), a lembrança não é suficiente como orientação para a aprendizagem histórica, a maneira pela qual esses jovens, a partir da forma pela qual eles vivem e se apropriam da sua condição juvenil, realizaram o seu processo de “digestão de experiências do tempo” (RUSEN, 2010, p. 74), devem ser levadas em conta como manifestações de processos de algumas mudanças estruturais na sua consciência histórica.

Apesar das propostas curriculares brasileiras enfatizarem que o ensino e aprendizagem da história deveria levar em conta a relação presente e passado, essa investigação mostrou que, pelo menos metade dos 60 jovens alunos pesquisados, ateu-se ao presente para construir sua narrativa. No entanto, mesmo presos ao presente, metade desses jovens conseguiu construir um diálogo entre eles próprios e o outro da realidade em que vivem. A outra metade conseguiu relacionar o seu presente, seja com o passado, seja com o futuro, seja com ambos, expressando a sua consciência histórica a partir do pressuposto do dizer respeito a mim e ao outro como fator de transformação dos valores morais em totalidades temporais.

Pode ser que essa passagem do dizer respeito a mim, para o dizer respeito ao outro, tenha relação com o “lugar social” em que o presente, passado e futuro se cruzem na vida desses jovens. Como foi evidenciado, trata-se de jovens pertencentes a um segmento economicamente menos favorecido da sociedade brasileira e com precário acesso aos bens culturais fora do espaço escolar. É a partir desse “lugar social” que eles interagem com a totalidade da realidade brasileira e mundial contemporânea e esse fato pode ter contribuído para que, mesmo quando se relacionando apenas ao presente, eles consigam construir argumentos contra problemas como preconceitos de toda ordem, contra a provisoriedade das relações humanas e a favor da solidariedade.

De modo geral, pode-se afirmar que, em suas narrativas, grande parte dos jovens alunos conseguiu integrar “ser” e “dever”, expressando possibilidades da consciência histórica de transformar valores morais em alguma forma de totalidade temporal, seja relacionando presente e passado, presente e futuro, presente/passado/futuro, a partir de elementos concretos de sua realidade. Mesmo que crivadas pelo subjetivismo do “diz respeito a mim” (salvar o mundo, por ex.), a relação com o outro do presente, do passado e do futuro, esteve presente nas narrativas analisadas. Nesse sentido,

Entre a lembrança e a esperança... - *Maria Auxiliadora Schmidt*

acredita-se que esses dois pressupostos: “dizer respeito a mim e ao outro” e “transformar valores morais em alguma totalidade temporal” em suas narrativas, podem ser o ponto de partida para uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral, como possibilidade para a análise da consciência histórica de jovens brasileiros.

BETWEEN REMEMBERING AND HOPE: POLITICS AND HISTORICAL CONSCIOUSNESS OF BRAZILIAN YOUNG PEOPLE

ABSTRACT

According to RÜSEN (2010), due to situations of practical life, decisions are made depending on values and the historical consciousness is a prerequisite to mediate values and reality. In fact, it works in a specific way of direction in practical life present situations, because it gathers past and present, giving perspective of future to living realities, building moral values to a “temporal body”. A qualitative investigation was done from the presuppositions of EISNER (1998), with 61 Brazilian young (13 to 16 years old) of low and middle social classes. These were students of a public school of Curitiba, Paraná State. They were asked to write a narrative from the following question: “Write to a young person like you about your reflection on: Do altruism, non-ephemeral thought and difference still have a place in the contemporaneous world?” The results demonstrate the existence of different ways in which the young translate the past into the present, and also their perspectives for the future.

Keywords: Historical Consciousness; Historical Education; Historical Didactic.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. *Projeto consciência histórica: teorias e práticas II* (PTDC/CED/72623) Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal, 2006.

EDU-ESTADÃO-Suplemento Especial do Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora O Estado de S. Paulo, 31 de março de 2011.

EISNER, E. W. *El ojo ilustrado: Indagación cualitativa y mejora de La práctica educativa*. Barcelona: Paidós, 1998.

Entre a lembrança e a esperança... - Maria Auxiliadora Schmidt

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KOSSELLECK, R. *Futuro passado: para uma semântica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1993.

MARTINS, E. de R. A exemplaridade da História: práticas e vivências do ensino. In: MARTINS, I.C.; GOHL, J.W. História e Historiografia Brasileira. *Anais do III Colóquio Nacional de História e Historiografia no Vale do Iguaçu*. União da Vitória: 2008 PP.13-21

MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

OAKESHOTT, M. *Sobre a história: e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

POCHMANN, M. Os retrocessos do atual modelo. *Le monde diplomatique Brasil*, São Paulo, n.12, ano 1, p. 4-5, jul. 2008.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência da história*. Brasília: UnB, 2001.

_____. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M.A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010. p.51-78.

_____. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W&A Editores, 2012.

_____. *Jörn Rüsen e a didática da história*. Curitiba: LAPEDUH/UFPR, 2013.

SCHMIDT, M. A. Jovens brasileiros e europeus: identidade, cultura e ensino de história. *Perspectiva: Dossiê Sociologia e Educação*, Florianópolis, v. 20, n. Especial, p.183-208, jul/dez 2002.

_____. Hipóteses ontogenéticas relativas à consciência moral: possibilidades da consciência histórica de jovens brasileiros. *Educar em Revista: Dossiê: História, Epistemologia E Ensino: Desafios de um Diálogo em Tempos de Incertezas*, Curitiba, n. 42, p.107-126, out/dez. 2011.

Recebido em janeiro de 2014.

Aprovado em abril de 2014.